

DIAS DE ANGÚSTIA DEMOCRATA



Trump se coroou candidato em festa republicana...

Gostinho do triunfo. Donald Trump no último dia da Convenção Republicana em Milwaukee: posição confortável



enquanto Biden resiste às pressões para deixar disputa

Sabor amargo da apreensão. O presidente Biden na Casa Branca: partido não confia mais em sua vitória nas urnas

ELEIÇÕES EUA

FILIPPE BARINI

Poucas vezes uma disputa presidencial, em qualquer país democrático, teve uma semana com candidatos em momentos tão díspares como a vista nos EUA. De um lado, um ex-presidente Donald Trump sobrevivente de um atentado e louvado em uma convenção feita para consolidar seu domínio do Partido Republicano. De outro, um presidente Joe Biden enfraquecido, e cuja desistência da campanha é uma hipótese que ganha cada vez mais força dentro do Partido Democrata, apesar de sua relutância —ontem, ele reiterou que permanecerá na disputa, retomando a campanha na próxima semana, quando deve estar recuperado de um infecção por Covid-19. Mas a ausência de tréguas nas pressões, principalmente de doadores, na semana de coroação de Trump evidencia o grau de desgaste de sua candidatura.

FERVOR RELIGIOSO
Biden passou a enfrentar intensa pressão desde o debate com Trump, no fim de junho, quando seu desempenho de desastroso assombrou aliados, rivais e eleitores. E, até a tarde de ontem, 29 parlamentares democratas — três senadores e 26 deputados — pediram oficialmente que ele desista. Na semana passada, em artigo no New York Times, o ator e ativista George Clooney disse que, com Biden, os democratas serão derrotados.

Neste contexto, a semana da Convenção Nacional Republicana, que coroou Trump como candidato e dominou as

manchetes e programas de debates na TV, inicialmente parecia uma chance de ouro para Biden ajustar suas estratégias, permitir que o rival se expusesse e, sobretudo, acalmar os ânimos entre os democratas.

Mas eis que vieram, no sábado passado, o comício de Trump na Pensilvânia e uma bola de fúzil que passou a centímetros da cabeça do republicano, ferindo-o na orelha direita. O que seria uma convenção para unir o Partido Republicano em torno do ex-presidente se tornou uma cerimônia de exaltação quase religiosa ao hoje favorito para vencer a eleição em novembro.

— Se vocês não acreditavam em milagres antes de sábado, melhor comecem agora — disse o senador Tim Scott, da Carolina do Norte, na segunda-feira. — No sábado, o diabo foi à Pensilvânia segurando um fúzil. Mas um leão americano se levantou e rugiu.

O próprio Trump, que antes de chegar ao poder não era exatamente conhecido por suas credenciais religiosas, abraçou a tese de que foi salvo por um milagre.

— Eu não deveria estar aqui na noite de hoje. E digo a vocês: estou aqui nesta arena apenas pela graça de Deus — disse o ex-presidente na quinta-feira, quando aceitou a nova indicação à Presidência, a terceira consecutiva.

Enquanto Trump consolidava uma liderança quase messiânica do Partido Republicano, cada vez mais moldado à sua imagem e semelhança, e indicava um vice, J.D. Vance, um “ex-Trump-cético” de 39 anos que parece destinado a sucedê-lo, os dias de Biden não trouxeram qualquer razão para comemorar.

A começar pelas gafes: na semana passada, em entrevista coletiva após reunião de cúpula da Otan, chamou o presi-

dente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que estava ao seu lado, de Vladimir Putin, líder russo que ordenou a brutal invasão do território ucraniano em 2022. Na quinta-feira, em entrevista à Black Entertainment Television, pareceu esquecer o nome do secretário de Defesa, Lloyd Austin, e se referiu a ele como “o negro”.

BIDEN JÁ ACEITA DESISTIR

O presidente também fez um mea culpa, durante entrevista à rede NBC, por ter dito, na véspera do atentado contra Trump, que era necessário que o rival fosse posto “no alvo”, durante um discurso de campanha — um comentário que, diante do momento de comoção nacional e internacional, caiu extremamente mal.

— Foi um erro usar a palavra — disse Biden em entrevista a Lester Holt, da NBC News. — Eu quis dizer centrar-se nele, observar o que ele está fazendo.

Concentre-se em suas políticas, no número de mentiras que ele contou no debate.

Para “conar” uma semana a se esquecer, Biden, cuja saúde já era questionada mesmo antes do fático debate com Trump, foi diagnosticado com Covid-19 na quarta-feira, no que alguns viram um sinal (talvez divino) para considerar a desistência: há duas semanas, em entrevista à rede ABC, Biden disse que só a intervenção de “Deus Todo-Poderoso” o faria sair da briga pela reeleição.

Segundo a imprensa americana, citando integrantes do Partido Democrata, Biden já está mais receptivo à ideia de ceder o lugar e poderia anunciar a desistência em breve. Mas, ao contrário do que se especula, ele não endossaria sua vice, Kamala Harris, hoje apontada como favorita para liderar a chapa democrata “pós-Biden”. A definição pode acontecer antes da Convenção Demo-

crata, daqui a um mês.

Neste contexto, integrantes da campanha do presidente dizem que ele e seus assessores estão furiosos com a ofensiva, que teria o apoio velado do ex-presidente Barack Obama e da ex-presidente da Câmara Nancy Pelosi.

“Espero retomar a campanha na semana que vem para continuar expondo a ameaça do Projeto 2025 de Donald Trump, ao mesmo tempo que defendo meu passado e a visão que tenho para os EUA”, disse ontem a campanha de Biden, em nota. “As apostas são altas, e a escolha é clara. Vamos ganhar”.

FOCO EM KAMALA

Na Convenção Republicana, Biden e seus alegados problemas de saúde não foram tema recorrente no palco — quando o citou no discurso, Trump abordou questões de governo, dizendo que ele era um dos “dez piores” presidentes da História dos EUA, que “provocaria uma Terceira Guerra” e que, com o democrata, os EUA “eram uma nação em declínio”. Por outro lado, Kamala foi alvo preferencial, por vezes mencionada como a nova candidata democrata.

Em alfinetada nos democratas, Brian Hughes, assessor da campanha republicana, disse na quarta-feira não poder aceitar um debate entre J.D. Vance e Kamala Harris agora, uma vez que “não sabe quem será o indicado democrata a vice”. Segundo ele, marcar um duelo antes da convenção do partido “seria injusto com Gavin Newsom, J.B. Pritzker, Gretchen Whitmer ou quem quer que Kamala Harris escolha como companheiro de chapa”, numa insinuação de que será ela a cabeça da chapa democrata.

FOGO CERRADO SOBRE O PRESIDENTE

CONGRESSISTAS

Até o momento, mais de 30 deputados e senadores democratas já pediram que o presidente Biden encerrasse sua campanha e “passasse a tocha para uma nova geração”.

CÚPULA DEMOCRATA

A ex-presidente da Câmara Nancy Pelosi, de 84 anos, enviou sinais críticos de que Biden deve considerar sair da disputa. Outros pesos pesados, como o senador Chuck Schumer, líder da maioria, e o deputado Hakeem Jeffries, líder democrata na Câmara, além do ex-presidente Barack Obama, juntaram-se ao coro público dos que põem em questão as chances de Biden.

DOADORES

A arrecadação de fundos também diminuiu significativamente, e megadoadores prometiram congelar US\$ 90 milhões se Biden não se afastasse da disputa.

SINDICATOS

Depois de indicar que apoiaria Biden, o Local 3000 da Organização dos Trabalhadores do Comércio e Alimentação, que representa 50 mil trabalhadores de supermercado, varejo e outros setores no estado de Washington, pediu que ele encerre sua campanha.

HOLLYWOOD E MEIO CULTURAL

O ator George Clooney disse em um artigo no New York Times que o presidente era muito velho para tentar a reeleição e deveria encerrar a campanha. O cineasta Rob Reiner, o escritor Stephen King e o documentarista Michael Moore, entre outros, também pediram que Biden desista.

IMPREENSA

Veículos importantes, como o New York Times, o Wall Street Journal, a revista Time e a revista britânica The Economist também pediram em editoriais a desistência de Biden.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 18